

REVISTA MARACANAN

Nota de Pesquisa

Assim foi meu passado: escrita autobiográfica, histórias e memórias do poeta José Costa Leite

So it was my past: autobiographical writing, stories and memories of the poet José Costa Leite

Geovanni Gomes Cabral*

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil

Recebido em: 18 fev. 2019.

Aprovado em: 19 mai. 2019.



Essa pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco - FACEPE, com bolsa de doutorado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

* Professor Adjunto da Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutorado e Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco; graduado em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPq "iTemnpo - Interpretação do tempo: ensino, memória, narrativa e política". (geovannicabral@unifesspa.edu.br)
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2293872023432319>

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o processo de escrita da autobiografia *A vida da minha vida*, do poeta José Costa Leite. Nele, procurei descrever como ocorreu a aproximação com esse cordelista e sua experiência mediante seus escritos autobiográficos. Tomei como referência, para poder pensar essa "escrita e construção de si", a leitura de Philippe Lejeune que permite problematizar essa narrativa de si e do arquivamento da própria vida. José Costa Leite é um poeta paraibano que reside na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Vem, desde a década de 1940, escrevendo folhetos de cordel e produzindo xilogravuras e almanaques populares. Foi por volta dos 80 anos de idade que resolveu escrever seus relatos de memórias, com o objetivo deixar para as pessoas um registro de sua trajetória de vida. Portanto, busco estabelecer algumas reflexões acerca dessa construção poética e da narrativa de suas releituras do passado e do presente. Esse percurso analítico autobiográfico permitiu entender como a experiência, nas feiras, vendendo folhetos foi decisiva para sua escrita, firmando-se enquanto autor e produtor artístico.

Palavras-chave: Autobiografia. Memória. Poeta. Literatura de Cordel. José Costa Leite.

Abstract

This article aims to present the process of writing the autobiography, *The Life of My Life*, by the poet José Costa Leite. In it, I tried to describe how the approach with this cordelista and his experience occurred through his autobiographical writings. I took as a reference to be able to think this "writing and self-construction", the reading of Philippe Lejeune that allows to problematize this narrative of self and the archiving of life itself. José Costa Leite is a Paraíba poet living in the Zona Norte Mata de Pernambuco. Comes from the 1940s by writing string brochures, as well as producing woodcuts and popular almanacs. It was around 80 years of age that he decided to write his memoir reports, in order to leave people a record of their life trajectory. Therefore, I try to establish some reflections about this poetic construction and the narrative of his re-readings of the past and the present. This autobiographical analytical course allowed us to understand how the experience in fairs selling leaflets was decisive for his writing, establishing himself as author and artistic producer.

Keywords: Autobiography. Memory. Poet. Literature of Twine. José Costa Leite.

Preâmbulo de uma história...

Ingressei no doutorado com o projeto de estudar os folhetos de cordel do poeta José Costa Leite, em 2011, no programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Fiquei interessado na dimensão temática e na quantidade de histórias publicadas por esse cordelista. Os planos estavam mapeados; pensei em seguir uma trajetória de inserção em arquivos e bibliotecas, inclusive nos arquivos pessoais de Costa Leite. Fui até sua residência no município de Condado (PE), onde conversamos um pouco sobre seu trabalho e sua produção. Esse tinha sido o meu primeiro contato com o poeta. Falei sobre esse encontro para uns amigos que, gentilmente, resolveram me acompanhar. A tarde estava ensolarada. No trajeto até sua casa, percorri estradas cercadas por várias plantações de cana-de-açúcar. O vento estava forte; do carro dava para ouvir o bailar das folhas que chegavam com calma aos ouvidos.

Batemos à porta e fomos recebidos. Veio nos cumprimentar Costa Leite e sua esposa dona Severina. Sentamos e começamos a ouvir suas histórias. Com sua vasta experiência, apresentou-nos seus folhetos, almanaques e xilogravuras. Meus olhos brilhavam diante do instante que se apresentava. A cada folheto que trazia de dentro de sua casa, discorria sobre ele. Aos poucos, esse senhor foi apresentando sua produção, e não tive dúvidas de que a pesquisa estava com um bom direcionamento. Após algumas horas de apresentações, compramos alguns títulos e marquei de voltar em outro momento. E, dessa forma, foi se construindo uma amizade; um ponto essencial para o desenvolvimento da pesquisa, já que eu precisava ouvir, entender e acompanhar esse poeta diante de sua escrita e produção. Foi nesse contexto de idas e vindas à sua residência que fiquei sabendo da escrita de sua autobiografia. A cada encontro, havia uma novidade. Enquanto ele me permitia conhecer seus arquivos pessoais, eu conhecia também sua trajetória de vida. A pesquisa ganhou contornos antes jamais imaginados. A vida desse poeta chegava para mim como um jardim composto de flores diversas que, a cada manhã, apresentava-se em suas múltiplas cores. Para situar o leitor, aproveitei o máximo possível desse acervo documental com sua multiplicidade de informações. Chegavam os folhetos,¹ as xilogravuras,² os almanaques,³ as entrevistas, os encontros permeados de experiências tecidas por belas histórias.

¹ As pessoas nas feiras, praças e mercados, espalhadas pelo interior do Nordeste do Brasil, conheciam o que chamamos de literatura de cordel como "folheto", entre outros nomes. Os versos rimados dos poetas populares eram impressos em folhas de papel-jornal, o chamado manilha ou papel de embrulho. O folheto contém de 8 a 16 páginas.

² Xilogravura é o nome dado à imagem impressa proveniente da técnica de gravar em relevo sobre madeira. É uma espécie de carimbo: corta-se a madeira, no jogo entre o baixo e alto relevo, depois espalha sobre a superfície uma tinta (geralmente a tipográfica) para, depois, obter a imagem, ou seja, a estampa (xilogravura). Entre os poetas cordelistas xilógrafos, esses pedaços de madeira são conhecidos por "taco" ou "matriz".

³ Almanaque é um tipo de livro/texto publicado anualmente, em diferentes tamanhos, que circularam pela Europa e pelo Brasil. É um tipo de texto fragmentado, com vários recortes e conteúdos que trazem

Nessa investida documental, um ano depois, em 2012, deparei-me com a autobiografia *A vida da minha vida – uma autobiografia de José Costa Leite*. Um livro que não só possibilitava pensar nesse poeta e em sua trajetória, mas também na forma como se apresentava para a sociedade, para outros poetas e para os amigos. Durante o ano de 2011, apenas falou que havia enviado para a editora Coqueiro, com a qual já mantinha contato por mais de 15 anos, para publicação de seus folhetos e demais produções. Não tive acesso à leitura de seus escritos. Apenas durante algumas conversas e entrevistas ele mencionava acerca dessa escrita de si, e dizia que, em breve, estaria saindo um livro que falava sobre sua vida, uma autobiografia que “falava a verdade, não tinha mentira, era tudo verdade.”⁴ Mas quem é esse poeta que, em dado momento, já com seus 85 anos de idade, resolve escrever uma autobiografia? Que passado, memórias,⁵ histórias e saudades escreveu nesse livro? Como Costa Leite narrou sua própria vida.

A vida escrita em versos

A vida de José Costa Leite se confunde com a história da literatura de cordel, mediante suas leituras nas feiras, praças e mercados. Nasceu na Paraíba, no município de Sapé, em 27 julho de 1927. Filho de uma família que trabalhava nos engenhos, viviam da agricultura e da venda dos produtos que cultivavam. Seus pais, Paulino Costa Leite e Maria Rodrigues dos Santos, tiveram oito filhos. Número nada fácil quando se precisa manter uma família diante das dificuldades do trabalho agrícola e das constantes mudanças de engenhos. Essas mudanças, por sua vez, ocorreram sempre por melhores condições de sobrevivência. Quando o trabalho não dava para seguir e o local não era bom para plantar, partiam em retirada. Nesse percurso de deslocamentos, entre encontros e desencontros familiares, após a morte de seus pais, Costa Leite resolveu se estabelecer no município de Condado (PE), onde permanece até hoje, junto com sua esposa. Trabalhava nas plantações de inhame, milho, feijão, macaxeira e batata, e limpava pés de coco. Como menciona em um dos trechos de sua autobiografia:

informações sobre diversas práticas culturais, envolvendo receitas, conselhos, horóscopos, previsões meteorológicas e datas comemorativas; um guia para leitores do campo e da cidade. O almanaque a que me refiro, aqui, é conhecido também como *almanaque sertanejo* ou *folhinha de inverno*, por ser publicado em períodos de inverno. Esses eram escritos por poetas de cordel, em sua maioria, que faziam suas “profecias” e leituras do tempo, com o objetivo de guiar o homem do campo em suas plantações e colheitas. Como exemplo, o *Almanaque Nordeste* de José Costa Leite, que, em 2019, completa 60 anos de publicações.

⁴ José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado (PE), 5 maio 2011.

⁵ Trabalho aqui com a noção de memória utilizada por Ecléa Bossi em seu livro *Memória e Sociedade: memórias de velhos*, que associa o ato de lembrar, no processo memorialístico, ao de narrar a própria vida. Nesse sentido, a memória está associada a um entrelaçamento de experiências e tempos passado/presente vivenciados pelo indivíduo. São memórias lembradas e esquecidas, incorporadas ao fazer humano, que adquirem novos significados e leituras por meio do presente. Cabe ressaltar que esse passado lembrado não vem datado cronologicamente, mas se apresenta livre, caminha por temporalidades distintas em torno de memórias coletivas, sociais e históricas. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Nas minhas andanças eu
Fui cambista, camelô
Fui cassaco de usina
Peguei frete, fui feitor
Fui pescador, fui mascate
Vivi fazendo biscate
E fui também agricultor

O poeta passou por várias dificuldades; mas, lendo sobre sua trajetória e analisando seus relatos orais, nota-se que sempre esteve disposto a ganhar dinheiro e trabalhar. Nunca frequentou uma escola. Aprendeu a ler ouvindo cordelistas declamando histórias nas feiras, aos domingos, quando ia com seu pai negociar produtos da roça. Entre uma venda e outra, aproximava-se da roda de poetas e, ouvindo atentamente, juntava os versos; por meio dessas combinações silábicas, aprendeu a ler.

Esse aprender a ler ouvindo folhetos foi o ponto-chave para sua vida. Aprendeu na feira e foi por meio dela que adquiriu experiências. Em 1947, escreveu seus primeiros versos de cordel, intitulados: *Alzira, uma história de amor* e *Discussão de José Costa Leite com Manoel Vicente*, tornando-se, posteriormente, um dos poetas mais importante em termos de produção e autoria do Nordeste do Brasil. Desponta em 1949 com as primeiras xilogravuras para capas de folhetos e, em 1960, com almanaques populares, um tipo de publicação voltada para o homem do campo. Não foi apenas um garoto que ouviu poesias. Ele passou a fazer suas próprias histórias, tecer suas experiências, adentrando no mercado editorial que, segundo pesquisas, entre as décadas de 1950 e 1980 despontou com momentos de larga produção cordeliana.

Nesta breve apresentação do poeta, podemos então imaginar o quanto suas práticas culturais — percorrendo feiras, praças públicas e tipografias — foram importantes, ou mesmo decisivas, para a escrita de sua autobiografia⁶ *A vida da minha vida*. Cada momento foi singular em sua memória a ponto de permitir que, aos 80 anos de idade, pudesse lembrar, recordar, esquecer e, silenciosamente, em seu atelier, escrever fragmentos de sua história. Mas, como se deu essa escrita? Quais tempos do seu “viver” foram relatados? De que forma teceu sua vida no escrito?

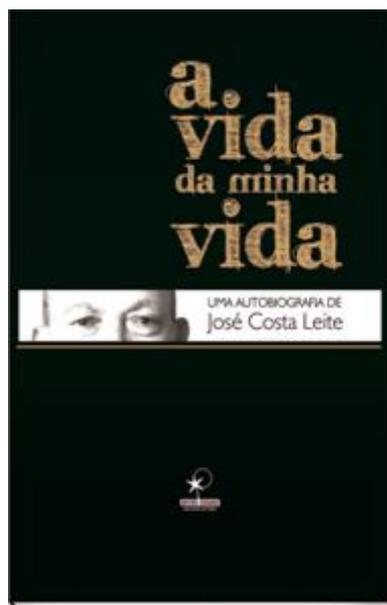
A pesquisa em torno da vida e da produção desse cordelista permitiu perceber que eu não estava apenas diante de um poeta de cordel, que versificava e publicava seus títulos e levava para a feira. Estava diante de um poeta múltiplo que soube aproveitar as redes de negociações e estabelecer uma teia mercadológica, propagando sua produção artística. Costa Leite escrevia, desenhava as ilustrações de seus folhetos, enviava para as tipografias, produzia o almanaque anualmente, mantinha vários agenciadores que revendiam suas histórias, tinha banco nas feiras por onde circulava, estabelecia um comércio de matrizes xilográficas que

⁶ Autobiografia é um gênero literário em que a pessoa narra a própria vida. Não consiste em reconstruir o passado em sua totalidade, o que é impossível. Busca-se escrever a “vida” dando sentido à luz do presente, ao que se passou. A autobiografia de Costa Leite, aqui, é entendida como uma prática cultural e uma produção de si, pautada nas experiências vivenciadas pelo poeta ao longo da vida. Tomo como referência Philippe Lejeune quando afirma que “somos homens-narrativas”, e tomar a vida como narrativa é também um ato de viver e se mostrar na construção do ser. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p. 86.

eram solicitadas via correios e, ainda, produzia matrizes por encomenda. Por isso, ao sentar-se na cadeira e escrever sobre a “própria vida”, tinha experiências para tecer várias passagens de sua trajetória.

A autobiografia de Costa Leite foi publicada em 2012, em Pernambuco, pela editora Coqueiro (**Imagem 1**). Um livro de capa preta, medindo 14 x 20cm, tendo ao centro uma foto do autor recortada, mostrando apenas parte de seu rosto, com olhos fitos para o leitor; uma marca registrada de outras publicações. Gostava de exibir seu rosto, por exemplo, nas capas de alguns almanaques, uma forma encontrada para delimitar espaço e autoria. Na contracapa, pediu que inserisse o prefácio de Ariano Suassuna, e fez questão de especificar “Costa Leite por Ariano Suassuna” (uma forma, segundo o poeta, de legitimar seu livro), seguido de uma fotografia colorida do poeta. Algo curioso nesse gênero escriturístico é que o poeta escreveu sua vida em 652 estrofes. Ou seja, foi uma escolha narrativa que encontrou para facilitar a leitura e a própria escrita, bem como para atrair compradores. Um ponto que, para ele, sempre foi essencial era vender suas histórias e produções artísticas. Tinha clareza de sua autoria e do trabalho que exercia.

Imagem 1 - Capa da autobiografia.



Fonte: Acervo pessoal.

No silêncio de seu atelier, *A voz da poesia Nordestina*, que fica ao lado de sua casa, não apenas escreveu esses versos, mas também procurou desenhar na madeira, para cada página do livro, cenas de seu cotidiano. Esses tacos de madeira fizeram parte desse conjunto de páginas, expressando memórias e saudades. São desenhos de casas, animais, homens trabalhando na roça, cangaceiros, caatinga, mandacaru, mulheres com lata d’água na cabeça etc. Imagens que representam sua vivência nesse universo da feira e andanças pelo Nordeste do Brasil. Em uma dessas visitas a seu atelier, pude pegar cada um desses tacos de madeira e

perceber a força que emana de sua criatividade para ilustrar sua “vida versificada”. Eram traços finos que percorriam as curvas da madeira, possibilitando perceber o alto e o baixo relevo. Pontos essenciais que precisam estar bem definidos, riscados e cortados para que possa sair uma boa impressão. A beleza de uma xilogravura vem dessa relação entre os cortes da madeira e a criatividade do artista.

A *vida da minha vida*, em termos gráficos, ainda conta com outros textos que, em entrevista, o poeta pôde mencionar que “era uma forma de garantir legitimidade, bom para anunciar na hora da venda, veja tem Ariano Suassuna”.⁷ De fato, o texto de Costa Leite começa com uma dedicatória para seus pais e suas irmãs que já morreram, seguido de um texto de Giuseppe Baccaro, Maria Alice Amorim, Ariano Suassuna e Maria Aparecida Nogueira. Todos, em suas palavras anexadas ao livro, enaltecem o poeta e sua produção. Amigos de longas datas que vinham acompanhando seu trabalho pelas feiras. Ainda constam nas “orelhas”, ocupando toda a página, os textos de João Dantas, presidente da Fundação de Cultura de Campina Grande e do poeta Manuel Monteiro. Percebe-se, nesse contexto de escrita e organização, que Costa levou para a editora o livro já com todas as diretrizes. Foi ele quem determinou as regras para a edição; prática comum em sua escrita e editoração. Ou seja, Costa Leite idealiza, põe em prática suas ideias e determina para a editora como quer o material. É como menciona Ana Ferraz da editora Coqueiro: “ele traz seus manuscritos em papel pautado, sempre escrito a caneta azul e quem dita as regras sempre é ele, eu sou gráfica, ele é o cliente”.⁸ Tal ação foi bem comum durante as décadas de 1970 a 1980, quando escrevia com caneta esferográfica o folheto em papel pautado, preparava a capa e levava até a tipografia, local da sua edição. É interessante perceber que ele determinava como queria a impressão do seu livro. Experiência que a feira lhe proporcionou ao observar que um folheto com capa bonita tinha mais aceitação. Por isso, ele tinha todo um cuidado quando a matéria era a edição final. Mostrava-se preocupado com o material editado. Por outro lado, tratava-se de um livro que foi contemplado no Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel 2010, Edição Patativa do Assaré. Daí a preocupação do autor, junto com a editora, em deixar bem organizado e bonito.

Antes de analisar alguns aspectos dessa autobiografia, quero deixar registrado que participei junto com Costa Leite de dois lançamentos desse livro. Um na cidade de Condado, em fevereiro de 2013, local que fez questão que fosse o primeiro, afinal, queria apresentar para a sociedade condadense sua “vida”, seus esforços entre a poesia e a vida na agricultura (**Imagem 2**). O outro na loja Passa Disco, no bairro do Parnamirim, Recife, em março de 2013. Foram momentos significativos em que estiveram presentes amigos e outros poetas.

⁷ José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado (PE), 20 mar. 2013.

⁸ Ana Ferraz em entrevista concedida a Geovanni Cabral. Recife, 8 fev. 2013.

Imagem 2 - Lançamento da autobiografia, Condado, Pernambuco.



Fonte: Acervo pessoal. 2013.

Para esses lançamentos, Costa Leite escreveu um discurso em que se apresentava para o público, enaltecendo sua produção artística e convidando as pessoas a comprarem seu livro. Recebi uma cópia desse texto e selecionei alguns fragmentos que dizem:

Eu sou *José Costa Leite*, poeta popular, compositor, xilogravurista e um pouco de astrólogo. Sou autor de 1.000 cordéis que se espalham pelo Nordeste, o Brasil inteiro e os recantos da Europa. O meu CD toca em Paris.

Eu estou aqui para o lançamento da minha *Autobiografia, A Vida da Minha Vida*. É um sonho que eu acalanto desde os meus 10 anos de idade. O resultado de muito esforço e muitos anos de trabalho, pensando, meditando e juntando coisa com coisa, mas o resultado está aí.

A nossa vida na terra é passageira e devemos fazer alguma coisa que marque a nossa presença, mesmo que seja no presente ou no passado. Uma coisa que dê vida e nome ao seu autor, mas que seja uma coisa que não dê sujeira ao seu nome e lhe deixe imortalizado...

Esse livro serve de passatempo e transmite uma lição de vida para todos. Um livro aberto é um cérebro que fala. Fechado, um amigo que espera; esquecido,

uma alma que perdoa; destruído um coração que chora. Estou oferecendo o meu livro a todo mundo. Se alguém se arrepender de não ter levado, não vá sair dizendo depois que eu não lhe ofereci um exemplar também. Se o povo quiser o meu livro ficarei muito contente e se alguém não quiser, eu também não vou dizer nada, porque ninguém é obrigado a comprar nada. Mas, uma coisa eu digo: eu não vou chorar, mas o meu livro vai entristecer e vai ficar chorando. Muito obrigado pela atenção prestada. Obrigado mesmo.
José Costa Leite.⁹

Ao analisar esse discurso, pude perceber como o poeta buscou enaltecer seu nome e sua produção. Ao afirmar “Eu sou José Costa Leite”, imprime sua identidade e personalidade, demarcando um território, um espaço do qual ele tem total clareza enquanto poeta popular, compositor, xilogravurista e astrólogo. Ele sabe que é um escritor e autor de sua produção artística.

Chama a atenção, nesse sentido, a forma como ele anuncia seu nome, e continua dizendo que é autor de mais de mil folhetos e que seu CD toca em Paris. O poeta não está enganado no tocante a essa afirmação. Basta observar a cronologia de sua produção de folhetos, começando em 1947. Até o ano passado, 2018, ainda escrevia e enviava para ser publicado. Claro que com menor intensidade por conta da idade. Para se ter uma ideia, ele já havia editado o Calendário Nordeste para o ano de 2019, estava esperando apenas chegar os pedidos pelos correios para enviar.

Grande parte de seus folhetos estão preservados em arquivos e fundações; particularmente em seu acervo, encontrei poucos títulos se comparado com a Fundação Casa de Rui Barbosa, por exemplo, onde pesquisei. É comum entre os poetas não guardarem algum exemplar. O normal era editar e circular nos bancos de feira. Por sua vez, as palavras de Costa Leite, nesse discurso, apresentam uma memória de si já cristalizada, lapidada por anos de experiências que ele faz questão de manter vivas.

Outro ponto interessante é quando menciona que, desde os 10 anos de idade, sonhava em escrever a autobiografia. Entendemos que existe uma contradição temporal, pelo menos em termos de datas. Em entrevista concedida em março de 2013, em sua residência na cidade de Condado, ele diz que já pensou em escrever uma autobiografia, mas que produzir um folheto era mais lucrativo: “Eu pensei nisso aí. Terminei indo em frente, porque um outro livro seria mais vendável de que minha autobiografia: os poemas. Porque a autobiografia é ‘verdade pura’ e os poemas a gente faz o belo, negócio mais bonito porque é ficção.”¹⁰

Nesse relato de memória, o poeta nos aponta caminhos para refletir a concepção de verdade e ficção em sua escrita. Verdade, para o poeta, é sua trajetória de vida, que enfatiza quando menciona que esse livro é “uma lição de vida”. Diferentemente dos versos que cria e recria para os folhetos que envolvem histórias as mais diversas, principalmente atreladas a seu cotidiano. O efeito de verdade para Costa Leite é dito na hora da escrita de sua vida, no momento em que sua memória possibilita trazer um passado de experiências e de práticas por

⁹ Discurso de José Costa Leite no lançamento da autografia *A Vida da Minha Vida*. Condado (PE), 2013.

¹⁰ José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado (PE), 20 mar. 2013. Grifos do autor.

ele vivenciadas. O autor, diante dessas releituras do passado, permite ativar sua memória, selecionando fragmentos que devem ou não ser lembrados. Essa escrita, para o poeta, vem como uma espécie de coroamento por anos de dedicação em atividades diversas, relacionadas com suas práticas culturais. Ao lembrar-se de sua trajetória, da família, das diversas feiras por onde circulou com suas mercadorias, traz para o escrito essa experiência e possibilita – com esses registros – preservar seus feitos ao longo da vida.

No que se refere à verdade no campo da escrita autobiográfica, Peter Gay ressalta que “seguramente não tem importância se uma autobiografia publicada reproduz uma experiência passada ou se inventa, nega ou adorna os fatos.”¹¹ Segundo o autor, quem está escrevendo uma autobiografia é a testemunha que pode narrar o que viveu. Com essa citação, não pretendemos averiguar o estatuto de veracidade das histórias descritas por Costa Leite, mas como ele utiliza a prática escriturística para se constituir como sujeito narrador de sua vida por meio de um relato que se pretende verdadeiro. Portanto, o autor cria um lugar de autoridade para sua fala por ter sido ele quem vivenciou as experiências poetizadas. Por conseguinte, é testemunha da própria narração, que é ordenada em temporalidades distintas, segundo seus critérios e interesses.

No final do discurso, é interessante perceber que ele busca, com sua escrita, deixar sua vida imortalizada. Em conversa com o poeta, esse dizia que era importante registrar, anotar para que as pessoas pudessem lembrar dele, e que não gostaria de ver seu trabalho esquecido; queria que suas ideias de escrever cordel pudessem inspirar outras pessoas.¹² Ao falar sobre essa produção de cordel, pude perceber o quanto isso está forte em sua mente. Se não fosse a idade, ele estaria vendendo normalmente e propagando suas histórias nas feiras.

Tive a oportunidade de acompanhar seu deslocamento de casa para a feira de Itambé (PE), e perceber o quanto essa dinâmica o mantém vivo, capaz de pensar e escrever. Ou seja, toda inserção de Costa Leite nesse campo da poesia vem de suas andanças pelas feiras (**Imagem 3**). Aliás, fazia questão de anunciar, na contracapa de cada folheto, onde estaria durante a semana para que seu público o pudesse encontrar e comprar suas histórias. Tal fato se dava porque as feiras, nos interiores, aconteciam em dias diferenciados; cada município tinha seu dia marcado. Isso facilitava o deslocamento para esses espaços. Muitas vezes, saía de casa na sexta-feira à noite e retornava no final da quarta-feira, como pude observar na transcrição da contracapa do folheto *A vida de Lampião e Maria Bonita*, em que anunciava:

ATENÇÃO, MUITA ATENÇÃO!
Faço ciente ao público que estarei nos
Sábados em Timbaúba, nos Domingos
em Condado, nas Segundas em Pedras
de Fogo e nas terças em Itabaina
com um grande sortimento de romances,
Folhetos, canções e orações, vendendo em
grosso e a varejo com grandes descontos

¹¹ GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 121-122.

¹² José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado (PE), 20 mar. 2013.

Aos revendedores.¹³

Imagem 3 - Costa Leite na feira de Itambé, Pernambuco.



Fonte: Acervo pessoal. 2013.

No trecho do discurso, quando menciona “devemos fazer alguma coisa que marque nossa presença, mesmo que seja no presente ou no passado”, argumenta a ideia de que seu trabalho não deverá cair no esquecimento, mobilizando uma concepção temporal segundo a qual as dimensões de presente, passado e futuro estão em constantes embates. Mesmo sabendo que foi registrado como Patrimônio Vivo¹⁴ em 2006, que possui obras espalhadas em

¹³ LEITE, José Costa. *A vida de Lampião e Maria Bonita*. [S.n.t].

¹⁴ A categoria do Registro do Patrimônio Vivo foi criada em Pernambuco pela Lei nº 12.196, de 22 de maio de 2002, e têm como objetivo incentivar e preservar as manifestações culturais por meio de seus artistas. A escolha se dá por meio de uma seleção, analisada pelo Conselho Estadual de Cultura. O escolhido se compromete a manter e repassar os ensinamentos para outros grupos, além de ser contemplado com uma bolsa vitalícia, em torno de um salário mínimo.

museus, instituições e acervos privados, a autobiografia, nesse momento, desponta para o poeta como o principal marco representativo em sua carreira profissional. Ou seja, como artista ele sabe o que produziu no passado e também no presente, projetando, assim, um lugar desejado no futuro. Visava ao não esquecimento de suas obras, de suas ações no tempo. No final do discurso, chama a atenção do público para comprar seu livro; de forma engraçada, mantém um apelo emocional dizendo que, se as pessoas não comprarem, “o livro vai entristecer e vai ficar chorando.” Ou seja, com o jogo das palavras, tecendo suas intenções religiosas, o poeta procurava seduzir o público que o assistia. Em alguns momentos, chegou a ler trechos da autobiografia para enfatizar as vendas:¹⁵

Foi assim meu passado
Contei tudo pois eu acho
Que em autobiografia
Não deve ter cambalacho
Digo com sinceridade
Só escrevi a verdade
E agora eu assino embaixo

Quem não gostou do enredo
Que seu poeta compôs
E não quiser ler meu livro
Não compre um só, leve dois
Mas boa vontade tenha
Leve um agora e venha
Buscar o outro depois.

A vida da minha vida

Neste tópico, vamos tecer algumas considerações sobre a autobiografia de José Costa Leite. Analisando a forma como narra sua trajetória de vida, o poeta se vê, a todo instante, relacionado e atrelado a uma sociabilidade de poetas, agenciadores, cantadores de violas, amigos e familiares. Quando relata fragmentos de seu passado, nas estrofes, produz deslocamentos temporais, joga com o passado e o presente, narra em tempos simultâneos, como se estivesse visualizando um filme em sucessivas cenas, principalmente quando descreve suas andanças por feiras e mercados dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Suas descrições arquitetam o tempo passado para a construção de sua história de vida, tecida de forma descontínua, inconclusa e dinâmica, mas, ao mesmo tempo, presente em sua escrita. É interessante perceber como esses relatos memorialísticos das feiras e sua experiência comercial estavam sempre presentes em suas entrevistas, tendo em vista que a pesquisa ocorreu nessa confluência de atividades desempenhadas pelo poeta. Ou seja, à medida que participava do lançamento da autobiografia, escrevia folheto e se deslocava para vender na feira de Itambé, que ocorre toda segunda-feira.

¹⁵ LEITE, José Costa. *A vida da minha vida*: uma autobiografia de José Costa Leite. Prefácio de Ariano Suassuna. Recife: Coqueiro, 2012, p. 183-184.

Sua escrita poética segue uma ordem cronológica, sistematizada, indo desde seu nascimento, suas realizações, publicações e premiações, até a escrita da autobiografia. Uma escrita que se articula em trajetórias múltiplas de tempo. Trilhando essa escrita de si, encontramos uma preocupação que vai além das rimas dispostas nas inúmeras estrofes espalhadas pelo livro. Costa Leite estava preocupado com as lembranças das experiências vivenciadas nos lugares e espaços por onde passou. Nesse contexto, essa experiência é entendida como algo que está associado às práticas culturais, ao tempo vivido/narrado por esse poeta ao longo de sua trajetória. Seus versos permitem perceber que esse tempo escritural não é linear, unidirecional; muito pelo contrário. Eles entrecruzam-se em temporalidades distintas, capazes de inserir novas possibilidades de compreender e construir uma história.¹⁶

Nesse aspecto, a noção de linearidade passa a ser substituída pela ideia de simultaneidade, na qual o passado articula-se com o presente, imbricando-se em contratempos, interrupções e causalidades. Como afirma Beatriz Sarlo, "o passado se faz presente."¹⁷ E esse presente é o tempo que percorre o momento dessa escrita. Costa Leite vasculha os arquivos de sua memória, encontra fios que se ligam, histórias que se conectam. Busca lembrar, mas também esquecer.

Suas memórias são relatadas e tecidas nos versos que, gradativamente, vão constituindo-se nas páginas impressas. Tendo o presente como guia, conduz sua narração sendo testemunha de suas experiências, práticas e discursos. Descreve sua imagem de artista popular perante o lugar social que, por meio de suas lembranças, silêncios e escolhas, estabelece como o lugar em que quer ser visto e lembrado. Usa as palavras para construir seu mundo e sua história. Sua vida discorre nessas práticas como um laboratório no processo escriturístico que, aos poucos, vai sendo registrado mediante seu recolhimento interior e sua forma de exteriorizar o seu "eu".

Em conversa com o poeta sobre o lançamento do livro (algumas semanas depois do evento), esse menciona que optou por não registrar certas experiências em sua autobiografia. Em seus relatos de memória, deixa bastante claro que "teve coisa que eu saltei. Era tão humilhante que eu saltei, já é humilhante o que está escrito. Teve coisa que eu saltei porque era humilhante demais."¹⁸ Para ele, o fato de descrever sobre sua família, as constantes brigas com o irmão, de não ter frequentado uma escola, de passar fome são pontos que o deixavam envergonhado. Essas palavras demonstram algumas estratégias de seleção de escrita do poeta, vai além dessa guinada entre o lembrar e o esquecer; ele diz, com ênfase, que deixou de fora lembranças para ele "humilhantes", as quais não deveriam vir a público. Isso é muito importante ressaltar, na medida em que evidencia alguns dos critérios da escrita que

¹⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 199.

¹⁷ SARLO, Beatriz. *O tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras; Ed. UFMG, 2007, p. 10.

¹⁸ José Costa Leite em concedida a Geovanni Cabral. Condado (PE), 20 mar. 2013.

presidiram a feitura dessa memória. Não existe a memória íntegra de tudo que ocorreu, muito menos a “ilusão de uma narração totalizante”¹⁹ Como afirma Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele ‘foi’, significa apropriar-se de uma reminiscência.”²⁰

Por meio dos versos e estrofes de *A vida da minha vida*, o poeta apresenta-se ao mundo, mantém um diálogo subjetivo com suas recordações do passado e suas interpretações. Ele escolhe, seleciona e fragmenta suas memórias. Essas estratégias permitem que nos aproximemos das discussões promovidas por Brigitte Hervot acerca do passado em suas múltiplas dimensões. Segundo ela, “o passado não é uma matéria estática que existe em si e por si, mas uma ‘matéria plástica’ que é remodelada segundo a percepção e os impulsos daquele que dela se serve para contar a história de sua vida”.²¹

Costa Leite, para escrever essas memórias, estabeleceu uma certa ordem, organizou suas histórias, estipulando datas e acontecimentos, dando significado às coisas que viveu. Sentou-se em seu atelier e começou a fazer suas anotações, pausadamente, no papel pautado, como faz com os almanaques e folhetos. Primeiro, escreveu esses fragmentos em prosa e, depois, foi versificando e fazendo uma espécie de triagem dessas anotações, sendo autor e narrador ressignificando e expondo o que sua experiência permitiu vivenciar e, ao mesmo tempo, lembrar. Essas práticas de escrita permitem aproximarmos-nos das análises tecidas por Philippe Lejeune, quando afirma que somos “homens-narrativas”²² à medida que narramos, vivenciamos os acontecimentos e confundimo-nos com o texto escrito. Costa Leite articulou muito bem esse tempo que percorre sua vida e suas experiências.

Sistematiza sua vida partindo da infância, dos momentos difíceis nas constantes mudanças que realizou nos engenhos de cana-de-açúcar com a família. Descreve os primeiros contatos com os folhetos, xilogravuras e almanaques, e culmina com as descrições de seus inúmeros prêmios recebidos ao longo de sua trajetória. O interessante é que essa sistematização quase linear permite ao autor operar deslocamentos, de tal forma que mergulha e volta no tempo, a todo instante, dialogando com “espaços de experiências” e “horizontes de expectativas,”²³ categorias temporais que estão atreladas a esse tipo de narrativa autobiográfica. No relato a seguir, Costa Leite descreve algumas estratégias de escritas, desse livro, entre o lembrar e o esquecer:

Eu fiz aos poucos. Pensando primeiro eu tomei nota de muita coisa pra ficar no papel em prosa e depois quando ia fazendo fazia um x em cima daquilo que eu

¹⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EdUSP, 2009, p. 14.

²⁰ BENJAMIN, Walter. O narrador: as considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 224.

²¹ HERVOT, Brigitte Monique. Georges Gusdorf e a autobiografia. *Lettres Françaises*, v. 14, n. 1, p. 95-110, 2013. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/download/6430/4745>. Acesso em: 5 nov. 2015.

²² LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico... Op. cit.*, p. 86.

²³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 305-314.

passai por cima e teve coisa que lembrei depois... é tanto que eu lembrei... Tem um negócio que diz: Quero saber que contei/Tudo aquilo que se deu/Se não foi na hora certa/O meu juízo esqueceu/Mas na hora que lembrou-se/Tudo aquilo que passou-se /Minha pena descreveu/Pois foi assim que eu fiz/De acordo a meu estudo/Porque nossa mente é falha/Mas Deus Pai é meu escudo/No decorrer do traçado/O que eu não tinha contado/Me lembrei e contei tudo.²⁴

José Costa Leite narra o seu tempo em poesia, e denota intimidade com suas lembranças. Escreve sua memória, conta o que se lembrou da vida, o que passou e foi possível registrar. A lembrança é incontrolável e soberana. Segundo Andréa Delgado, “a escrita da memória tanto quanto o relato oral autobiográfico constitui um trabalho de invenção de um passado pelo arranjo de múltiplas lembranças dispersas que são cuidadosamente dispostas numa narrativa que confere sentido à trajetória de vida.”²⁵ Quando Costa Leite versifica sua vida, apresenta para as pessoas o sentido de sua existência e história, divide sua intimidade, brinca com o tempo que escapa em frações de segundos. Dessa maneira, organiza as lembranças e traça um sentido em que se autorrepresenta, deixando fluir sua memória e apresentando para a sociedade seus ditos e feitos. Diante do reconhecimento de seu trabalho por pesquisadores, colecionadores e escritores, o poeta dedica parte de seus escritos e de sua produção para ampliar sua visibilidade, firmando sua identidade poética e profissional por meio da escrita e do espaço literário.

À guisa de conclusão

Escrever sobre a produção artística do poeta José Costa Leite — mais precisamente sobre sua autobiografia — é mergulhar em uma história de vida com uma vasta experiência envolvendo o universo da produção de folhetos e sua dinâmica de propagação. Esse poeta não apenas permite acessar sua memória a partir de versos e estrofes, mas também traça um panorama de como sua arte percorreu feiras, mercados, praças e museus. Seus relatos são uma espécie de cartografia da vida social de um cordelista. Costa Leite tece, em sua autobiografia, fragmentos de tempo que ora seguem uma certa cronologia, ora se entrelaçam, mostrando que a vida não tem uma linearidade, mas se conflui em temporalidades distintas. A *vida da minha vida* não é apenas um livro que narra a vida do poeta. É, antes de tudo, uma forma que o poeta encontrou de delimitar sua produção como artista, autor e, por que não, escritor. Mostra que, além de cordelista, atuava em vários outros segmentos. O negócio era trabalhar e ganhar dinheiro. Aprendeu com a vida, com a feira, com outros poetas. Portanto, a autobiografia de Costa Leite atesta um poeta que se apresenta para seu público e deixa seu recado: Eu sou José Costa Leite, poeta popular.

²⁴ José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado (PE), 20 mar. 2013.

²⁵ DELGADO, Andréa. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas (SP), p. 266.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O narrador: as considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELGADO, Andréa. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas (SP).

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EdUSP, 2009.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HERVOT, Brigitte Monique. Georges Gusdorf e a autobiografia. *Lettres Françaises*, v. 14, n. 1, p. 95-110, 2013. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/download/6430/4745>. Acesso em: 5 nov. 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LEITE, José Costa. *A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite*. Prefácio de Ariano Suassuna. Recife: Coqueiro, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rouseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

SARLO, Beatriz. *O tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras; Ed. UFMG, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.